



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia por ocasião do Dia Internacional da Mulher**

Apodi-RN, 08 de março de 2005

Eu vou pedir para D. Marisa vir aqui, em pé, no palanque. Pode vir aqui.

Meus queridos companheiros e companheiras do estado do Rio Grande do Norte,

Minha querida amiga Wilma Maria de Faria, governadora do Rio Grande do Norte,

Minha querida companheira Nilcéa Freire, secretária especial de Políticas para as Mulheres,

Meu querido amigo Miguel Rossetto, ministro do Desenvolvimento Agrário,

Companheiras que falaram, aqui, em nome das entidades, representando o movimento social: Celestina, a companheira Maria Auxiliadora, a companheira Maria Gerusa, a companheira Elizangela, a companheira Raimundinha,

Quero cumprimentar os deputados que estão aqui presentes,

Os dois senadores, Fernando Bezerra e Garibaldi Alves Filho,

Quero cumprimentar a deputada, tem três deputados aqui, na verdade, que eu tenho que citar o nome deles. O deputado Robinson Faria, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Rio Grande do Norte e os demais deputados estaduais,

A deputada federal Fátima Bezerra e a deputada Sandra Rosado,

Quero cumprimentar o senhor José Pinheiro Bezerra, prefeito de Apodi,



Quero cumprimentar aos prefeitos de outras cidades que estão aqui presentes,

Quero cumprimentar o representante do BNB, Roberto Smith,

Quero cumprimentar o representante do Banco da Amazônia, o Mâncio Lima,

Quero cumprimentar o nosso companheiro representante do Banco do Brasil, o nome dele não está aqui na minha nominata,

E quero, sobretudo, dizer que vocês são mais do que heróis e heroínas, porque ficar neste sol, da hora que vocês estão, a cabeça está tão grande e tão quente, que é capaz de as abelhas das meninas sugarem massa na cabeça de vocês para fazer mel. Isso é uma demonstração de apego à causa de vocês, como pouca gente pode demonstrar. Por isso eu quero agradecer a vocês este carinho de estarem há tempo esperando para ouvir algumas palavras das autoridades aqui constituídas, mas também ouvir as palavras das pessoas que representam vocês, aqui.

Eu trouxe a minha mulher aqui, porque, hoje, na verdade, não é dia de fazer discurso. Eu poderia ter ido para a Avenida Paulista, lá em São Paulo, porque eu estou perto da minha casa, já iria ver os meus filhos à noite ou poderia ficar em Brasília, fazer um ato qualquer lá, ou fazer alguma coisa com os funcionários do Palácio do Planalto que estaria resolvido o problema. Mas nós resolvemos vir, aqui, para dar uma outra demonstração, afinal de contas, política não é feita de palavras, nem apenas de atos administrativos. Às vezes a política é feita de gestos. E, às vezes, os gestos valem mais do que uma obra que a gente possa construir.

E a minha vinda aqui é o reconhecimento. Primeiro, a um povo que, há muitos e muitos anos neste país é levado, de forma quase que secular, a viver de pequenas políticas compensatórias em função das crises que acontecem no nosso país.



E eu pedi para a Marisa vir aqui, porque eu devo parte do que eu sou na vida à minha mãe, uma nordestina de Garanhuns que teve a coragem de colocar oito filhos num “pau-de-arara” e sobreviver em São Paulo, pensando que ia encontrar o maridão que já estava lá desde 1945, isso foi em 1952, e quando ela chegou para se encontrar com o maridão dela, ele estava casado com outra. E ela não perdeu a ternura e cuidou dos oito filhos sozinha e conseguiu até fazer com que um deles chegasse à Presidência da República.

Uma outra é esta “galega” que está aqui do meu lado. Esta “galega”, eu não sei se ela teve a sorte de me encontrar ou eu tive a sorte de encontrá-la. O dado concreto é que nós vamos fazer 31 anos de casados e nesses 31 anos nós já passamos por momentos muito difíceis. De vez em quando eu digo que a Marisa foi a mãe e o pai dos meus filhos. Primeiro, pela minha atividade sindical, eu não estava junto com ela em nenhum momento em que nasceram os meus filhos. Depois, eu nunca estava em casa para ver o boletim da molecada, para ver se estava tudo bem na escola ou se não estava bem.

O dado concreto é que o caçula já está com 18 anos e hoje eu olho para o céu e dou graças a Deus de ter tido a Marisa cuidando daquela molecada, fazendo o papel de pai e mãe e não permitindo que a ausência do pai fosse razão para que a gente tivesse um filho revoltado dentro de casa ou tivesse algum problema. Não tem isso. E mais ainda, mesmo quando eu fui preso em 1980, a Dona Marisa, que parecia ser frágil, que parecia ser debilitada para enfrentar uma situação daquelas, em nenhum momento ela vacilou em assumir, junto com as mulheres de São Bernardo do Campo, a luta que os metalúrgicos estavam fazendo.

Então, a força dessas duas mulheres, da minha mãe e da minha mulher, são, na verdade, uma espécie de vento, de força invisível que me empurra para dizer: por mais difícil que seja o momento que você esteja vivendo, não abaixe a cabeça nunca e não se sinta derrotado. Levante a cabeça e vá à luta, porque a vitória é sempre possível, na medida em que a gente acredita nela. E isso me



fez estar aqui onde eu estou hoje e, obviamente, eu não estaria aqui se não fosse o símbolo dessas duas figuras para mim, mas também se não fosse o carinho de vocês, de perderem tantas eleições comigo e não desistirem nunca de chegar onde eu cheguei.

Eu estava vendo a nossa querida governadora falar aqui e ela falou de dois assuntos que me chamaram a atenção. E essa, para mim, é a arte mais extraordinária de governar, é a arte mais fantástica de governar, é o exercício da cobrança da sociedade e o exercício da paciência e da tentativa de cumprir esse exercício de cobrança da sociedade. A arte de governar é uma eterna contradição. Eu vou dar dois exemplos ditos, aqui, neste palanque.

A governadora falou da questão do sal, porque a Petrobras, a nossa querida Petrobras, descobriu uma grande reserva de sal no estado do Espírito Santo. Até então o estado do Rio Grande do Norte era o responsável por 97% do sal que o Brasil consome. Então, vejam, quando a nossa governadora fala: “Presidente, é preciso tomar cuidado com os empregos daqui”. Ela está agindo corretamente, defendendo o povo do seu estado, defendendo o povo que trabalha nas salinas há muito tempo, e alguns até ficaram cegos de trabalhar em outros tempos em que não tinha nem proteção. Ela está correta.

Mas vejam, o Rio Grande do Norte é meu filho e o Espírito Santo é meu filho. Os dois estão pedindo a mesma coisa. Eu não posso dizer olha, o Rio Grande do Norte vai continuar com as salinas e o Espírito Santo não. Obviamente, como nós somos um país onde os governantes estão ficando civilizados, eu quero me comprometer com a Governadora que nós vamos chamá-la e vamos chamar a direção da Petrobrás, a Ministra de Minas e Energia, porque a verdade é que o Espírito Santo tem outras possibilidades econômicas de se desenvolver e, pelo menos por algum tempo, a gente, possivelmente, não precise disso, porque não viria acrescentar muita coisa na necessidade de consumo no país, mas poderia causar um problema social num estado que já tem uma história calcada na produção de sal. Isso é possível



fazer de forma civilizada, chamando os governadores, a Petrobrás, e tentando estabelecer um acordo para deixar para explorar o sal de lá depois.

Uma outra coisa é a refinaria. Essa refinaria é o seguinte: nós temos seis estados que querem a refinaria. E a decisão, na verdade, Wilma, é uma decisão que tem cunho técnico muito forte porque, obviamente, que não vai prevalecer uma decisão política de dizer: é em tal lugar porque eu gosto do governador, da governadora. Não pode ser assim. A Petrobrás é uma empresa da mais alta responsabilidade, ela construiu uma credibilidade durante esses 51 anos de existência e não vai caber ao Presidente impor. Obviamente que eu tenho dito sempre o seguinte: tem muita gente falando em refinaria. Eu já recebi governadores que me disseram: “tal país vai financiar”. Até agora não apareceu um centavo de fora para financiar a refinaria, porque todos querem fazer com a Petrobrás e a Petrobrás tem como prioridade a recuperação da Reduque, no Rio de Janeiro, que está superada, e a modernização de Paulínia, que pode produzir muito mais. De qualquer forma, eu tenho dito para a Petrobrás que a decisão de construir uma refinaria não é uma decisão eminentemente técnica ou econômico-financeira da empresa, mas em função das necessidades do Brasil se desenvolver de forma mais homogênea.

Eu estou dizendo isto para mostrar que o papel de um Presidente da República não é diferente do papel que vocês exercem dentro da casa de vocês. Muitas vezes vocês estão em casa, pensam que é muito diferente de ser Presidente. Não é. É igual às decisões que vocês têm que tomar em casa. Uma mãe, quando está com os seus dois filhos dentro de casa, que o filho começa a brigar com o outro – e quem tem menina sabe como é que menina briga dentro de casa – ela tem que tomar posição, e não pode ficar do lado de uma e prejudicar a outra. A mãe sempre tem que ter o papel de harmonizar, de manter o equilíbrio, para que haja harmonia dentro de casa. Esse o papel que um Presidente da República exerce.

E por isso é que nós estamos pensando, Governadora, prefeitos,



senadores e deputados, que o Nordeste brasileiro precisa, definitivamente, e não estou negando São Paulo, porque reconheço o papel que São Paulo teve na minha vida, na minha formação profissional, mas eu acho que o Nordeste brasileiro precisa passar por uma mudança estrutural profunda, que vai custar muito dinheiro, mas nós vamos ter que assumir a responsabilidade de fazer uma mudança estrutural no nosso querido Nordeste brasileiro, para que a gente não viva mais um século vendo o Nordeste produzir parte das pessoas que são obrigadas a viver como se fossem nômades, viajando o mundo inteiro, viajando o país inteiro, de estado para estado, à procura de uma chance para trabalhar.

Nós estamos com três grandes projetos para o Nordeste Brasileiro. Na verdade, o primeiro projeto – e quero dizer aqui que nós vamos fazê-lo – é a transposição das águas do rio São Francisco. Não é justo que alguém não queira compreender a necessidade da gente pegar um pouco da água, e muito pouca, para fazer com que pelo menos 10 milhões de famílias brasileiras tenham o direito de ter água potável para beber.

Eu digo sempre que as pessoas que são contra essa água não sabem o que é carregar uma lata d'água, durante sete ou oito léguas, na cabeça; não sabem o que é tomar água barrenta, não sabem o que é repartir um pouco de água, num açude vazio, com a cabra, com o cavalo, com a vaca. Não sabem, então são contra.

Nós queremos convencer as pessoas de que é importante fazer essa transposição, porque se a gente fizer essa transposição, a gente vai fazer uma ligação com os açudes e as barragens, sobretudo, nos estados que mais necessitam: Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Ceará. E essa barragem Santa Cruz não vai precisar nunca esvaziar, porque toda vez que ela estiver ficando vazia, nós vamos ter água para enchê-la e permitir que as pessoas vivam com mais tranquilidade neste país. Essa é a primeira coisa.



Então, essa transposição da água é uma prioridade que nós vamos fazer. Não é possível que desde 1846, o imperador D. Pedro queria fazer e não conseguiu fazer. Nós vamos fazer com o cuidado de tomar conta da revitalização do rio São Francisco. Nós sabemos que é preciso recuperar a cabeceira do rio São Francisco, nós precisamos ter uma política de saneamento em algumas cidades à margem do rio São Francisco, mas nós vamos fazer com cuidado e com a responsabilidade que esse projeto precisa ter.

A segunda coisa que nós vamos fazer para o nosso querido Nordeste brasileiro é o Programa de Biodiesel. Esse Programa de Biodiesel é, na minha opinião, o grande programa de desenvolvimento do Nordeste brasileiro, porque ele pode ser feito de uma planta que, até então, a gente utilizava muito para fazer guerra de estilingue, de peteca, como vocês chamam no Nordeste, que é a mamona. E nós, através da mamona, poderemos fazer do semi-árido nordestino o grande centro produtor de biodiesel. E agora que foi aprovado o Protocolo de Quioto, nós temos a chance de, num curtíssimo prazo, ver o mundo inteiro precisar fazer acordo com o Brasil para comprar um combustível menos poluente que o diesel e muito mais gerador de emprego do que o diesel.

E os nossos queridos companheiros da Petrobras vão continuar fazendo pesquisa, vão continuar fazendo prospecção, porque como o petróleo está muito caro, a gente vai logo exportar petróleo e vai logo entrar na Opep e vamos utilizar o álcool, que nós temos condições, e vamos utilizar o biodiesel.

Talvez, em mais um mês e meio, nós vamos a Belém do Pará inaugurar a primeira planta que está produzindo óleo diesel e vamos ter os primeiros caminhões, tratores e ônibus andando com 2% de biodiesel no óleo diesel. Quem sabe logo, logo a gente aumente para 5%, e quem sabe logo, logo a gente tenha carro produzido no Brasil funcionando a diesel. E eu acho que isso é uma coisa que pode gerar muitos empregos no nosso querido Nordeste.



O outro projeto que nós temos para o Nordeste é a Transnordestina. É uma ferrovia que liga grande parte do Nordeste brasileiro, que de forma irresponsável foi desativada nas últimas décadas, e nós achamos que no Nordeste brasileiro, diferentemente de outras regiões que precisam, primeiro, ter investimento para depois vir a obra, nós temos que oferecer a infraestrutura, para depois a gente convencer aqueles que têm capital a investir no Nordeste brasileiro, para que a gente possa explorar parte da riqueza que nós somos capazes de produzir nesta região do Nordeste.

E um outro projeto para o Nordeste, este muito mais, Governadora, para o turismo brasileiro, é a BR-101 Nordeste que, aliás, é uma rodovia que vamos duplicar, que vai do Rio Grande do Norte até Salvador, onde o turista pode transitar de carro numa rodovia moderna, permitindo a criação de pousadas, permitindo a geração de empregos, permitindo o desenvolvimento desta região. Era para termos lançado o edital no dia 15, agora, mas o Tribunal de Contas da União encontrou uma falha. Mas, hoje, os senadores devem ter uma reunião com o Presidente do Tribunal de Contas para ver se a gente agiliza isso, porque é cada confusão que a gente arruma, ou no Tribunal de Contas, ou no Ministério Público, ou no Ibama. Às vezes uma obra demora mais um ano, mais dois anos para começar e o Nordeste não pode esperar esse tempo todo, nós temos que agir rapidamente para que a gente possa fazer.

E por último, a questão da reforma agrária. Eu tive a oportunidade de ir ao congresso da Contag na semana passada e eu quero dizer para vocês uma coisa que me angustia neste país. É que de vez em quando eu via uns números “o governo assentou 200 mil famílias” aí eu lia outro número “300 mil propriedades abandonadas no campo”; “800 mil pessoas deixam o campo”. Então, eu comecei a pensar: tem alguma coisa que não está funcionando bem. De um lado eu assento 100, de outro lado, eu pego 100 mil pessoas que não têm terra e coloco no campo, e eu permito que 300 mil que já estão no campo abandonem o campo e vá para a cidade. Espera aí, alguma coisa está errada.



Então, o que nós resolvemos fazer? É preciso ter uma política agrícola muito forte, e essa política agrícola muito forte significa a gente privilegiar com financiamento a agricultura familiar, porque milhões de brasileiros e brasileiras já têm a terra, já têm a escritura, então, é preciso dar financiamento, e por isso aprovamos 7 bilhões no orçamento para o Pronaf.

Qual é o problema que nós enfrentamos? Aqui está o companheiro do Banco do Brasil, aqui está o companheiro do Banco do Nordeste, aqui está o companheiro do Basa. A verdade, e eles são testemunhas do que eu vou falar, é que os bancos públicos brasileiros tinham desaprendido a receber os pequenos neste país. Eram poucos os gerentes desses bancos que estavam preparados para receber um agricultor de 10 hectares de terra. Era muito difícil. Eles estavam acostumados a emprestar dinheiro para os graúdos e não para os pequenos. E nós resolvemos mudar e essa mudança implica em mudança de hábitos, em mudança de orientação, em mudança de costume, em cobrança quase que direta para que os bancos voltem a funcionar. E a informação que eu tenho é que este ano já houve uma evolução extraordinária. E está melhorando, nós já estamos quase triplicando o que foi aplicado no nosso primeiro ano.

Agora, criamos o Pronaf Mulher, minhas queridas companheiras, qual é a perspectiva do Pronaf Mulher? Porque nós criamos o Pronaf Mulher e o Pronaf Jovem, para garantir que o filho também tenha direito a um financiamento. Mas nós não podemos permitir que haja qualquer engano no Pronaf Mulher.

Nós temos informações que no Pronaf Mulher tem companheira que está tirando o seu empréstimo para ajudar no projeto do marido, ou seja, é bobagem ela fazer isso. É melhor ela construir um novo projeto e esse dinheiro servir para o novo projeto porque pode dobrar a renda dentro de casa, pode dobrar a renda da família.

Agora, nós também sabemos que isso é uma questão cultural, a gente



não vai mudar do dia para a noite, é um trabalho que os sindicatos vão ter que fazer, os prefeitos vão ter que ajudar, os governadores vão ter que ajudar e o governo federal, através do Ministério do Desenvolvimento, da Secretaria da Mulher e de todos, vão ter que trabalhar muito, para que a gente mude os hábitos culturais neste país e que a gente possa ter a certeza de que o dinheiro vai chegar onde a gente quer que chegue e no público que a gente quer que chegue, que é a mulher trabalhadora e, sobretudo, a mulher trabalhadora rural.

Isso é extremamente importante porque agora descobrimos um outro problema Raimundinha. É que as mulheres, mesmo que elas queiram fazer um projeto novo, elas dizem para o marido: você vai cuidar da sua mandioca que eu vou plantar o meu roçadinho de milho, eu vou plantar o meu roçadinho de palma, de qualquer coisa. Mesmo que ela diga isso, ela vai ao banco. Chega no banco descobre que ela não tem documento, ela não consegue fazer o financiamento.

Eu quero fazer um apelo e aí Miguel, companheira Nilcéa, companheira Governadora, aos Ministérios ligados à área dos direitos humanos. Nós vamos ter que fazer uma verdadeira guerra para que todas as pessoas tenham facilidade de tirar os seus documentos, para que a pessoa possa chegar no banco e provar que é apta a fazer um empréstimo, porque senão não adianta nada, você coloca o dinheiro à disposição, a companheira não tem documento, ela nunca vai poder provar que precisa daquele empréstimo.

Essa é uma tarefa que nós vamos fazer, mas não é uma tarefa só para o governo, seja ele municipal, estadual ou federal, é uma tarefa para as organizações, para as pessoas que estão organizadas em sindicatos, que estão organizadas em comunidades, como vocês, para a gente começar a fazer disso um grande movimento e tirar o documento dessas pessoas.

Essas coisas podem avançar na medida em que a gente trabalhe para avançar porque, senão, se depender das coisas lá de cima, até chegar aqui embaixo, minha filha, demora, e demora muito as coisas chegarem. Muitas



vezes a lei é aprovada no Congresso; depois de aprovada no Congresso ela tem que ser regulamentada, e essas coisas levam dois anos.

Eu anunciei, quando fui a Mossoró na outra vez, que eu ia voltar dentro de 45 dias para ver um poço da Petrobras lá. Olha o que aconteceu, na verdade: aquele poço, eu fiquei sabendo dele em 1993 – está aqui o meu amigo Crispiniano, nosso grande poeta de Mossoró – eu vi aquele poço em 1993. Voltei, agora, e pedi para a Petrobras: você pode abrir aquele poço? aquele poço está fechado, abriu. Só que eu não tinha em conta que entre abrir o poço e fazer a água chegar às pessoas envolve outros Ministérios, sobretudo o Ministério da Integração e o Ministério das Cidades, porque tem 32 quilômetros de dutos para levar água.

Eu espero que em mais uns dois meses eu esteja voltando a Mossoró, não é privilégio eu vir três vezes a Mossoró em pouco tempo, mas é porque tem uma passagem histórica minha em Mossoró, e eu quero ver se a gente consegue fazer aquele poço, colocar água para as pessoas beberem. Em 1993, quando eu cheguei aqui, o diretor da Petrobras me chamou e falou o seguinte: “Lula, nós abrimos um poço, tem 300 mil metros de água por hora de vazão, me parece, ou 250 mil. A gente queria fazer um acordo para que o governo comprasse uma bomba e a gente instalaria. O governo não tem dinheiro, nós vamos ter que tamponar o poço.” E fechou o poço. Eu fiquei com uma pena “desgraçada” porque no lugar em que o povo está precisando de água, a gente acha água e tem que fechar o poço porque não tem uma bomba. Então, agora, esse poço vai ser reaberto e, se Deus quiser, a gente vai poder beber água desse poço. Não vai poder recuperar o tempo em que a gente não bebeu, e também não pode beber demais porque morre se beber muita água de uma só vez. Mas a gente, aos poucos, vai esquecer que um dia teve alguém irresponsável que permitiu que um poço fosse fechado, ao invés de jogar água para o nosso povo beber.

Por último meus companheiros, eu quero dizer às mulheres brasileiras



que vocês já são maioria na população brasileira, já são 52%, vocês já têm cargo de vereadora, de prefeita, de governadora, eu espero que vocês não sejam desafortadas e não comecem a pensar logo na Presidência da República, não. Eu espero que vocês vão devagar com essa pressa de poder. Quando eu estava no Sindicato eu dizia: os direitos das mulheres e as liberdades que as mulheres precisam não são dádivas de nenhum homem, serão conquistas das mulheres brasileiras.

Eu diria que as mulheres brasileiras conquistaram muito, e eu acho que pode ser conquistado muito mais. E quero dizer para vocês que não basta estar na lei, não basta estar na Constituição, porque nós temos na Constituição que as mulheres tem que ser tratadas em igualdade de condições, mas nós sabemos que a mulher ainda ganha a metade que o homem, mesmo cumprindo o mesmo serviço. Essa coisa depende muito de nós. Aqui tem muitos companheiros, nós temos que provar a cada dia se nós queremos, de verdade, a liberdade da mulher, nós temos que provar a cada dia se nós somos companheiros da mulher, se na hora de fazer o serviço de casa a gente fica sentado na frente da televisão pedindo para a mulher fazer o serviço que a gente poderia ajudá-la, desde cuidar das crianças até o serviço de dentro de casa, que faz parte da construção do mundo novo que todos nós queremos construir.

No mais, um grande abraço, que Deus abençoe vocês, e até outro dia, se Deus quiser.